

Justos entre as Nações, brasileiros e portugueses

JACQUES FUX*

DARLAN SANTOS**

PALAVRAS-CHAVE: *Shoah*, Justos entre as nações, Aracy Guimarães Rosa, Luiz Martins de Souza Dantas, Aristides Souza Mendes, Carlos Sampaio Garrido, João Guimarães Rosa.

KEYWORDS: *Shoah*, Righteous among the Nations, Aracy Guimarães Rosa, Luiz Martins de Souza Dantas, Aristides Souza Mendes, Carlos Sampaio Garrido, João Guimarães Rosa.

Introdução

A Europa tem muitos rostos. Calejada por séculos de história, é marcada por eventos dos mais diversos, como crises econômicas, avanços sociais, transformações de toda ordem. Mas, talvez, em seu passado recente, nenhum acontecimento tenha deixado tantas cicatrizes como a Segunda Guerra Mundial. Poucas décadas após o «cessar fogo», incontáveis são as manifestações humanas, no sentido de tentar entender todas as implicações do conflito, em suas causas e consequências.

Como em todos os eventos históricos de grande importância, na Segunda Grande Guerra também se destacaram muitos homens e mulheres – algozes, mártires ou heróis –, que, graças à sua atuação, participaram decisivamente deste episódio (ajudando a construí-lo ou minimizando algumas de suas consequências mais nefastas, como a *Shoah*). É o caso daqueles que se insurgiram contra a perseguição aos judeus e outras minorias. No âmbito da cultura, do cinema e da literatura talvez sejam algumas das práticas mais intensamente mobilizadas, na rememoração da guerra e evidênciação dessas personalidades paradigmáticas. No judaísmo percebemos a importância do ato de lembrar, de não perder, de conservar a memória daqueles que enfrentaram os perigos

* Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pesquisador de pós-doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). *Visiting Scholar* na Universidade de Harvard.

** Faculdade de Santa Rita (FASAR), Fupac, CES/Conselheiro Lafaiete, Brasil.

para salvar judeus. Assim praticamos neste artigo o *Zakhor*, lembrando dos justos brasileiros e portugueses e revisitando a questão da participação do grande escritor João Guimarães Rosa nesse contexto de Guerra.

A título de exemplo, citamos o filme português *O Cônsul de Bordéus* (2012), lançado recentemente, sob direção de Francisco Manso e João Correa. Ao retratar a história de Aristides Sousa Mendes,¹ Manso destaca: «A proposta que temos pela frente é a de fazer de Aristides de Sousa Mendes o herói que ele de facto foi. E isso é o mínimo que podemos fazer».²

É sobre personagens que, a exemplo de Sousa Mendes, foram decisivos no desenlace de situações-limite, como a perseguição aos judeus, que pretendemos discorrer neste artigo, na intenção de desvendar seus semblantes, buscando, em suas trajetórias, traços que ajudaram a construir o rosto da Europa pós-guerra – uma face em constante mutação, que ainda mantém profundas cicatrizes diante do horror da guerra.

Trata-se de alguns dos «Justos entre as Nações» – detentores do título outorgado pela *Yad Vashem* (Autoridade Memorial pelas Vítimas e Heróis da *Shoah*). Dois brasileiros – Luiz Martins de Souza Dantas e Aracy de Carvalho Guimarães Rosa – receberam o título. Entre os portugueses, foi igualmente distinguido, além de Aristides de Sousa Mendes, Carlos Sampaio Garrido. Embaixador na Hungria, Garrido chegou a alugar uma residência a sessenta quilômetros de Budapeste, acolhendo dezenas de pessoas, judeus e opositores do governo fascista daquele país. Ele também trabalhou intensamente para obter passaportes portugueses que permitiram a fuga desse contingente.

Como se pode constatar, nem todos esses rostos são oriundos de terras europeias. Embora a estreita relação com o velho continente perdure, são, do Brasil, algumas das faces que pretendemos descortinar – mais especificamente, do cônsul e notável escritor Guimarães Rosa (criador de *Grande Sertão: Veredas*), de sua mulher, Aracy, e de Souza Dantas – a menos conhecida entre as três.

Em seu livro *O Brasil e a Questão Judaica*, Jeffrey Lesser apresenta as controvertidas relações entre o governo brasileiro e os judeus. O que interessa aqui, sobretudo, é o período em que Guimarães Rosa, cônsul-adjunto de Hamburgo

¹ Aristides de Sousa Mendes, que morreu em 1954, ignorou as ordens do Governo de Portugal na época e, enquanto cônsul em Bordéus, França, concedeu, em 1940, vistos a mais de trinta mil refugiados que tentavam escapar ao exército nazi, dos quais 12 mil eram judeus.

² *Apud* Oliveira, 2009. Disponível em: http://www.jn.pt/PaginaInicial/Cultura/Interior.aspx?content_id=1389895&page=1. Acesso em 13/06/2012.

(1938-1942), viu e ouviu os terríveis relatos acerca da perseguição de judeus na Europa.

Em 1937, o Ministério das Relações Exteriores emitiu uma Circular Secreta 1.127, autorizada pessoalmente por Getúlio Vargas. Essa circular proibia a emissão de vistos para pessoas de origem ‘semítica’, causando uma queda de 75% na imigração judaica durante o ano seguinte. A rigorosa aplicação das poucas cláusulas que permitiam a entrada de judeus fez seu número diminuir ainda mais. (Lesser, 1995).

Diante da Circular Secreta 1.127 e da troca de correspondência antissemita entre as embaixadas, como se portaram Rosa, sua mulher, Aracy, e Luiz Martins de Souza Dantas? É o que passamos a investigar, com ênfase na atuação de Guimarães Rosa – ironicamente, é sobre ele, reconhecido mundialmente por sua extraordinária obra literária, que recaem as maiores dúvidas quanto às ações em defesa dos judeus.

Um herói pouco conhecido

Luiz Martins de Souza Dantas, incógnito para o grande público, teve comprovada sua participação efetiva na concessão de vistos a judeus. Entretanto, ainda não foi descoberto, nem mesmo, pelo público acadêmico, ao contrário de Guimarães e Aracy. Segundo Avraham Milgram «Souza Dantas foi durante muito tempo ignorado pela literatura e continua desconhecido pelo público geral. (...) Suas atividades em favor dos judeus foram diametralmente opostas à política e ao tom no Itamaraty durante esse período (1922-1943)» (Milgram, 2007: 402). Assim continua Milgram:

Não só no serviço consular brasileiro da Alemanha ocorreram ‘irregularidades’ em matéria de vistos, o mesmo ocorria nos consulados da França. Com a diferença que na França era o embaixador quem fornecia os vistos aos judeus. Souza Dantas [...] agiu de forma excepcional em relação aos refugiados judeus concedendo-lhes centenas de vistos diplomáticos, em sua grande maioria na segunda metade de 1940. (Milgram, 2007: 404).

Os feitos de Dantas foram grandiosos o bastante para que ele recebesse o título de Justo entre as Nações. As historiadoras Ileuza Costa Cardoso e Marta Maria Amorim Silva explicam:

Só quem preenche, pelo menos, uma destas três condições merece o título concedido pelo museu: arriscar cargo e posição social, arriscar a própria vida e salvar um número expressivo de pessoas. O diplomata não arriscou sua vida, mas quase perdeu o emprego e o status por assinar centenas de vistos para perseguidos do nazismo na França ocupada, desobedecendo às recomendações oficiais do governo Getúlio Vargas. O número certo – de judeus, homossexuais, comunistas e outras vítimas do nazismo – que encontrou a salvação graças à assinatura de Souza Dantas não é conhecido, estima-se que possa passar de mil pessoas. (Cardoso/Silva, 2006: 50).

Uma das raríssimas abordagens biográficas de Souza Dantas é a obra do brasileiro Fábio Koifman, intitulada *Quixote das Trevas*. De acordo com o historiador, Dantas agiu movido pelo que mais tarde chamaria de «sentimento de piedade cristã», desafiando o Terceiro Reich e as diretrizes da então política externa brasileira. Por causa de sua corajosa postura durante a Guerra, foi perseguido no Brasil. Só retornou à vida pública com o fim da era Vargas. Em dezembro de 1945, o diplomata passa a chefiar a delegação brasileira na ONU. Fez parte da Delegação do Brasil junto à Conferência de Paz, em Paris, como Delegado Plenipotenciário. Sua nomeação foi assinada pelo então presidente Gaspar Dutra. Mesmo assim, teve um fim trágico: em 14 de abril de 1954, morreu pobre e abandonado, em um hotel de Paris.

Com base em 55 entrevistas e consultas a cerca de 8.000 documentos, Koifman concluiu que Dantas não se limitava «a dar vistos». Muitas vezes, o embaixador obtinha documentos de viagem através de seus amigos em outras representações diplomáticas, como os cônsules de Cádiz, na Espanha, e Casablanca, no Marrocos. Foi graças à pesquisa de Koifman que o Instituto e Museu do Shoah *Yad Vashem*, em Jerusalém, concedeu, em 2003, o título de Justo entre as Nações a Souza Dantas.

Um dado interessante é a participação decisiva da mulher de Dantas. Assim escreve Milgram:

Souza Dantas estava perto dos 60 anos de idade quando se casou pela primeira vez com Aliza Meyer, judia norte-americana. Considerando que membros do Itamaraty casavam-se com mulheres que pertenciam por tradição, status e liames da classe política à aristocracia, o casamento de Souza Dantas com uma judia nos anos 1930 foi sem dúvida algo excepcional e anticonvencional. Além de sua recente esposa, havia na Embaixada que Souza Dantas depositava confiança, o veterano funcionário Levy, judeu naturalizado brasileiro, competente e falando

corretamente o português. Segundo Luthero Vargas, a Embaixada ‘é feita somente pelo Levy’. (Milgram, 2007: 403).

O artigo de Milgram analisa bem a postura do Itamaraty frente à questão judaica, além de revisitar os trabalhos de Lesser e Tucci Carneiro (citada mais adiante). Milgram exalta, com razão, a participação de Souza Dantas, mas em nenhum momento fala da atuação de Rosa ou de Aracy (apenas sugere: «não só no serviço consular brasileiro da Alemanha ocorreram ‘irregularidades’ em matéria de vistos»).

O anjo de Hamburgo

Aracy Moebius de Carvalho Guimarães Rosa nasceu em Rio Negro, Paraná, em 1908 e faleceu em 2011. Poliglota, funcionária graduada do Consulado Brasileiro em Hamburgo, onde conheceu Rosa em 1938, é considerada um «Justo entre as Nações» pelo museu *Yad Vashem*, por ter ajudado judeus durante a perseguição nazista. Esse título só foi concedido, até hoje, a dois brasileiros: Aracy Moebius e Luiz Martins de Souza Dantas. Este também por sua ajuda aos judeus perseguidos na França, onde serviu como Embaixador do Brasil no início dos anos 40.

Dona Aracy, o *anjo de Hamburgo*, «embora o cargo ocupado não permitisse assinar documentos oficiais de concessão de visto, era responsável pelo contato com os requerentes» (Jacobsen / Vilela, 2006, encarte). De acordo com a *Concise Encyclopedia of the Holocaust*, publicada pela *International School for Holocaust Studies*, *Yad Vashem*, Aracy começou a ajudar os judeus depois do *Pogrom*, conhecido como *Noite dos Cristais*, ocorrido em 1938. Naquela fatídica noite, prenúncio da *Shoah*, nazistas na Alemanha e Áustria destruíram sinagogas, atacaram residências judaicas e mataram muitas pessoas. Sabendo da perseguição aos judeus e da necessidade de fugirem da Europa, Aracy fez o que julgava ser justo e correto. Segundo o relato de seu filho, Eduardo de Carvalho Tess: «minha mãe não achava aquilo justo, ignorou a determinação e, com a maior discrição, continuou a preparar os processos de vistos para judeus, à revelia de seus superiores» (Tess, 2008). Como não possuía o poder de emitir vistos sozinha, possivelmente contou com a cumplicidade (ou enganou) um funcionário da polícia de Hamburgo, que passou a emitir passaportes para judeus sem o «J» vermelho, que os impedia de entrar no Brasil. «Depois, ela enfiava os vistos no meio da papelada que despachava com o cônsul-geral, que os assinava sem ver» (Tess, 2008).

Além de «enfiar os vistos no meio da papelada que despachava», Aracy ainda arriscou sua vida usando clandestinamente o carro do consulado para transportar judeus que se escondiam e, também, para distribuir alimentos aos judeus, desviando da cota que o consulado recebia. «Muitas vezes, ela transportou judeus no porta-malas do carro. Chegou a levar um deles no carro do consulado – me lembro que era um *Opel Olympia* alemão – para a Dinamarca» (Tess, 2008). Mesmo interpelada pela Gestapo, Aracy enfrentava os policiais: «minha mãe exibia muita segurança e autoridade; os alemães respeitavam a autoridade» (Tess, 2008). Além disso, alguns testemunhos de sobreviventes atestam a participação efetiva de Aracy, como é o caso de Margareth Bertel Levy, que, em 2006, gravou um depoimento ao historiador René Decol: «Aracy me levou pessoalmente ao navio, usando seu passaporte diplomático». No documentário *Os Nomes do Rosa*, de 1997, Margareth Levy aparece, também, dando seu testemunho em favor de Dona Aracy, responsável pela sua vida. De acordo com seu filho Eduardo Tess (que também aparece nesse mesmo documentário) «pelas informações que tenho, minha mãe deve ter salvo, no total, cerca de cem pessoas». Em 1983, ao receber a homenagem do *Yad Vashem*, Aracy disse: «Nunca tive medo,³ quem tinha medo era o Joãozinho. Ele dizia que eu exagerava, mas não se metia muito e me deixava ir fazendo» (*Jornal do Tarde*, 1968).

Entretanto, segundo o *Yad Vashem*, a única informação fidedigna é que Aracy acolheu Margarethe Bertel-Levy e seu marido durante a Kristallnacht. O que o seu filho testemunha não pode ser provado:

Aracy Carvalho was responsible for the visa section in the Brazilian Consulate in Hamburg, Germany, where she worked as a secretary in 1938. In that capacity she helped a group of Jews to obtain visas to Brazil, as well as assisting them to overcome financial difficulties before leaving Germany for Brazil. During the Kristallnacht pogrom of November 9-10, 1938, Aracy Carvalho sheltered Margarethe Bertel-Levy and her husband in her home.⁴

³ Segundo Hanna Arendt, «nas condições do terror total, nem mesmo o medo pode aconselhar a conduta do cidadão, porque o terror escolhe as suas vítimas independentemente de ações ou pensamentos individuais.» (Arendt, 1989: 519-520).

⁴ Disponível em: <http://www.yadvashem.org/yv/en/righteous/stories/carvalho.asp>. Acesso em 18/03/2013.

A atuação de Rosa: Veredas a serem descobertas

A busca por fontes primárias em relação à participação ativa de João Guimarães Rosa na emissão de vistos ou no salvamento de judeus durante seu período em Hamburgo ainda é um mistério. Muitos livros simplesmente dizem que Rosa emitiu vistos para que judeus não fossem mortos durante a Segunda Guerra Mundial, mas, qual teria sido, de fato, a participação de Rosa? Talvez seja precipitado – ou, até mesmo, leviano – legitimar um acontecimento de tamanha grandeza, sem um estudo mais profundo. Por exemplo, Vicente Guimarães afirma: «apoiado por sua mulher, Aracy, Rosa decidiu ajudar os judeus que o procuraram a escapar do país, para não serem mortos pelo regime nazista. Para isso, emitia passaportes sem a letra J que os identificaria, dando vistos de entrada para o Brasil.» (Guimarães, 2006: 176). Isso não está correto, já que foi Aracy quem comprovadamente ajudou os judeus.

Rosa não tinha autonomia para dar vistos ou emitir passaportes, como mostraremos ao longo do artigo. O escrito brasileiro Moacyr Scliar também comete o mesmo preciosismo, ao escrever, na introdução do livro *Joãozinho: A Infância de João Guimarães Rosa* (2006) que o «cônsul-adjunto em Hamburgo (Rosa), durante a época do nazismo, salvou muitos refugiados judeus, concedendo-lhes vistos para o Brasil» (Scliar, 2006: 6). A *Revista Bravo* publicou uma reportagem em 2008, com trechos do *Diário de Guerra de Guimarães Rosa*. Acerca da concessão de vistos, Mariana Delfini escreve:

A sua consternação com a perseguição originou a história de que Rosa teria ajudado judeus a fugir da Alemanha. Não há, contudo, documentos que comprovem esses atos. A historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro, especialista em Shoah e professora da USP, procurou informações no Itamaraty e não encontrou nada. «Tenho a impressão de que ele tomou muito cuidado para não deixar rastros», diz Maria Luiza. (Delfini, 2008: 36).

Retornando ao documentário *Os Nomes do Rosa*, algumas especulações são apresentadas por Aracy. Já com 89 anos e visivelmente enferma, perguntada por Pedro Bial se ela tinha medo de fazer coisas ilegais para salvar judeus, responde com certa dificuldade – «não». – «E o Joãozinho», pergunta novamente Bial, – «não», responde Aracy. No *site ArgShoah*, a declaração dada por Aracy acerca da participação de Rosa ao *Jornal da Tarde* é corroborada:

João Guimarães Rosa foi nomeado como cônsul-adjunto do Consulado em Hamburgo em 1938. Também desquitado, acabou se relacionando com Aracy. Segundo Aracy, em entrevista fornecida ao jornal *Resenha Judaica* em 1988, João sempre lhe dizia que qualquer dia ela iria desaparecer, tamanho risco que ela corria. Separados de antigos casamentos, viviam em casas diferentes, sendo ela quem abrigava os judeus em sua casa.⁵

De acordo com a pesquisadora Ana Luiza Martins Costa «Guimarães Rosa e dona Aracy ajudaram muitos judeus a fugirem da Alemanha durante a guerra – pelo que foram, mais tarde homenageados» (Costa, 2006: 18). E conforme Adriana Guimarães Jacobsen e Sônia B. M. Vilela:

Guimarães Rosa, na função de cônsul-adjunto, tampouco tinha, via de regra, autonomia para assinar os vistos expedidos pelo consulado. O documentário (Outro Sertão) procura detectar o papel exercido por ele nesse contexto através de uma análise detalhada da correspondência diplomática do período, do relato de historiadores e da comparação com dados de outras representações diplomáticas brasileiras na Alemanha. E, acima de tudo, através dos testemunhos dos sobreviventes ou de seus descendentes. Nas lembranças e no cotidiano dessas pessoas, o filme encontra não apenas indícios sobre a vida de Guimarães Rosa, mas revelações sobre a história da emigração para o Brasil naquele momento. (Jacobsen / Vilela, 2006: 4).

Numa entrevista concedida a Günter Lorenz, realizada em janeiro de 1965, Rosa, perguntado sobre sua participação na emissão de vistos, não é muito claro nem muito preciso nas suas respostas, apesar de insinuar seu conhecimento e sua luta como um verdadeiro jagunço:

Lorenz: Gostaria de concluir que todos esses assuntos enumerados tiveram grande importância em sua vida: a diplomacia, os cavalos, as religiões, os idiomas. Você goza também de uma fama legendária: dizem que você domina muitos idiomas, e que aprendeu alguns deles apenas para poder ler um determinado autor em sua versão original. Sabe-se também que como diplomata e exercendo

⁵ *ArqShoah. Arquivo Virtual. Holocausto e Antissemitismo. O Brasil diante do Holocausto e dos refugiados do nazifascismo (1933-1960)*. Disponível em: http://www.arqshoah.com.br/galeria_justos.aspx. Acesso em 13/06/2011.

as funções de cônsul geral do Brasil em Hamburgo, você provocou Hitler fora das normas da diplomacia, e salvou a vida de muitos judeus...

Rosa: Tudo isso é verdade, mas não se esqueça de meus cavalos e de minhas vacas. As vacas e os cavalos são seres maravilhosos. Minha casa é um museu de quadros de vacas e cavalos. Quem lida com eles aprende muito para sua vida e a vida dos outros. Isto pode surpreendê-lo, mas sou meio vaqueiro, e como você também é algo parecido com isto, compreenderá certamente o que quero dizer. Quando alguém me narra algum acontecimento trágico, digo-lhe apenas isto: «Se olhares nos olhos de um cavalo, verás muito da tristeza do mundo!» Eu queria que o mundo fosse habitado apenas por vaqueiros. Então tudo andaria melhor. (*Apud* Coutinho, 1983: 77).

Nesse primeiro momento da entrevista, quando Lorenz toca no importante assunto de sua suposta batalha contra Hitler, Rosa apenas responde que tudo o que lhe foi perguntado era verdade, mas não entra em detalhes. Já no segundo momento Rosa e Lorenz são mais categóricos:

Lorenz: Esta diferença não é resultado, digamos assim, de unidades de experiência de diferentes graus? Atrás dessa definição também se oculta muito de política.

Rosa: E exatamente isso! A política é desumana, porque dá ao homem o mesmo valor que uma vírgula em uma conta. Eu não sou um homem político, justamente porque amo o homem. Deveríamos abolir a política.

Lorenz: Foi isto que em Hamburgo levou você a se arriscar perigosamente, arrebatando judeus das mãos da Gestapo?

Rosa: Foi alguma coisa assim, mas havia também algo diferente: um diplomata é um sonhador e por isso pude exercer bem essa profissão. O diplomata acredita que pode remediar o que os políticos arruinaram. Por isso agi daquela forma e não de outra. E também por isso mesmo gosto muito de ser diplomata. E agora o que houve em Hamburgo é preciso acrescentar mais alguma coisa. Eu, o homem do sertão, não posso presenciar injustiças.⁶ No sertão, num caso desses imediatamente a gente saca o revólver, e lá isso não era possível. Precisamente por isso idealizei um estratagema diplomático, e não foi assim tão perigoso. E agora me ocupo de problemas de limites de fronteiras e por isso vivo muito mais limitado.

⁶ Também citado por Felipe Fortuna em «Guimarães Rosa, viajante» (2002: 359-382).

Lorenz: Não estou muito convencido de que seus colegas, neste caso seus colegas diplomatas, aprovarão incondicionalmente esta definição.

Rosa: A maioria deles, que não são verdadeiros diplomatas mas apenas políticos frustrados, vai me considerar louco. Espero que você também não me considere assim. Mas eu jamais poderia ser político com toda essa constante charlatanice da realidade. O curioso no caso é que os políticos estão sempre falando de lógica, razão, realidade e outras coisas do gênero e ao mesmo tempo vão praticando os atos mais irracionais que se possam imaginar. Talvez eu seja um político, mas desses que só jogam xadrez, quando podem fazê-lo a favor do homem. Ao contrário dos 'legítimos' políticos, acredito no homem e lhe desejo um futuro. Sou escritor e penso em eternidades. O político pensa apenas em minutos. Eu penso na ressurreição do homem. (*Apud* Coutinho, 1983: 78).

Segundo Heloísa Vilhena de Araújo em seu livro *Guimarães Rosa: Diplomata* (2007), Rosa seria contrário ao totalitarismo nazista e esta seria sua luta. Uma luta diplomática e não política já que «nessas condições, a atividade de Guimarães Rosa no Consulado-Geral em Hamburgo, em favor dos judeus perseguidos, seria um exemplo, não de ação política pois ação política era o Nazismo, mas sim de uma ação diplomática» (Araújo, 1987: 36). Assim, mesmo sem apontar diretamente o que de fato fez Rosa em favor dos judeus, Vilhena de Araújo recorre à entrevista de Lorenz a Rosa e discorre sua argumentação com base na diplomacia, na justiça e numa ação contrária ao Nazismo:

O próprio Guimarães Rosa descreve este domínio avassalador do político na Alemanha nazista, em seu conto «O Mau Humor de Wotan». Neste conto, fica claro o totalitarismo, a tirania da política na vida da Alemanha, penetrando os rincões mais escondidos da vida da população. É a esse totalitarismo que ele se refere quando diz a Lorenz, que lhe perguntara sobre sua atividade em Hamburgo em favor dos judeus perseguidos pelo Nazismo, 'eu, o homem do sertão, não posso presenciar injustiças'. A tirania do político é, para ele, injustiça. (Araújo, 1987: 35-36).

Infelizmente no livro *Guimarães Rosa: Diplomata*, apesar dos anexos apresentarem algumas cartas de Rosa, não encontramos nenhuma outra referência a esse caso, apenas o citado nas passagens acima.

Já o texto de Felipe Fortuna «Guimarães Rosa, viajante», presente no livro *O Itamaraty na Cultura Brasileira* (2001), mostra e tenta demonstrar a

efetiva participação e preocupação de Rosa com os judeus durante sua época de Hamburgo:

É evidente que a atuação de Guimarães Rosa em Hamburgo, no período difícil de 1938 a 1942, não se reduz à rotina consular e à coleção de casos pitorescos. Ao contrário, durante sua passagem pelo Consulado, não apenas a sua capacidade de trabalho foi testada à exaustão, mas também o alto valor do seu humanismo. No ainda debatido tópico das diretrizes governamentais brasileiras sobre a emissão de vistos para judeus, Guimarães Rosa surge engrandecido por sua sensibilidade e sentido de dever moral, que em alguns momentos estiveram mais elevados do que algumas das instruções existentes, marcada pela ambiguidade e por visível laxismo. Um historiador com Jeffrey Lesser considera o Cônsul em Hamburgo ‘an extremely concerned and helpful diplomat’, que logrou sobrepor-se a uma sequência de contradições existentes em alguns documentos sobre a política de imigração brasileira. [...] Lesser acerta ao informar que o diplomata costumava ajudar as vítimas judaicas e emitia mais vistos do que a cota estipulada em lei. (Fortuna, 2002: 372).

Nos «Diários de Guerra» de Rosa encontramos sutis passagens sobre esse acontecimento, como mostrado no estudo de Ana Luiza Martins Costa:

23-II-940 – [...] em Budweis, cidade do sul da Bohemia [...] os judeus só poderão andar de bonde nas plataformas. Primeira cidade a introduzir isso.

20-IX-941 – Ontem começou a obrigação do distintivo na roupa dos judeus [faz o desenho de duas estrelas-de-davi; numa delas, ao centro, está escrito «judeu»]. Hoje, à tarde, vi o primeiro [...]

22-X-941 – [...] judias chorando no Consulado, por terem recebido a ordem de evacuação de Hamburgo, para o dia 24. Horrível. (Apud Costa, 2006: 17).

Existem, ainda, outros estudos acerca desses diários de Guimarães Rosa, como o ainda não publicado *Diário de Guerra de Guimarães Rosa* de Eneida Maria Souza, Georg Otte e Reinaldo Marques. Jaime Ginzburg, em sua pesquisa de pós-doutorado realizada na UFMG, trabalhou no Acervo dos Escritores Mineiros com os diários de Rosa e publicou o artigo «Notas sobre o ‘Diário de Guerra de João Guimarães Rosa’». Nesse rigoroso estudo, Ginzburg mostra como as constantes ameaças de bombas, as sirenes e o medo perturbaram Rosa e como ele registrou detalhadamente esses acontecimentos. Algumas das passagens aqui contidas são úteis para este estudo:

Na sua composição, o «diário alemão» de Guimarães Rosa engloba uma diversidade de registros e escritas: [...] registro de fatos ligados ao desenrolar da guerra; comentários de leitura de jornais, com críticas às medidas dos nazistas relativas aos judeus, etc. (Marques, 2009: 329).

Não há aqui como ou por que especular, se o autor tivesse estendido seu «Diário» mais longamente, por exemplo, até 1943, se não teria se convencido de que deveria tomar partido contra o nazismo. Em vez de entrar nesse campo especulativo arriscado, é melhor permanecer nos limites da delimitação do texto.

Rosa não era simpatizante do autoritarismo alemão. Porém, um raciocínio político e ideológico esquemático poderia pressupor que, como implicação segura de não estar identificado com o nazismo, o escritor estaria comprometido com a causa de sua eliminação, através do apoio às forças organizadas em torno dos Estados Unidos. A leitura do «Diário» não sugere nem um nacionalismo pró-americano, ou anglófilo, nem um comprometimento geral com um dos lados da guerra. De fato, o «Diário de Guimarães Rosa» aponta para uma crítica da violência de um modo mais abrangente. Essa inclinação se articula com uma inconformidade com a violência da guerra que ultrapassa uma expectativa de propor um debate das eventuais justificações políticas para sua realização, e passa a uma posição avessa à necessidade de atos de violência, independentemente de definições de quaisquer justificativas. (Ginzburg, 2010: 97).

Como já mostrado por Ana Luiza Martins Costa e reafirmado por Reinaldo Marques na passagem acima, Rosa sentia-se incomodado com o tratamento e com as medidas aplicadas aos judeus. Na argumentação de Ginzburg percebemos que Rosa ainda não tinha tomado uma posição política. Entretanto, o fato mais importante é que nesses diários Rosa, «homem do sertão», é avesso a qualquer ato de violência, «independentemente de definições de quaisquer justificativas». Também em uma carta a Pedro Barbosa (20.05.1939), Rosa escreve: «Somos acossados de pedidos, rogos, prantos, ameaças, o diabo! Tenho visto e ouvido coisas absurdas, impossíveis. E... nem sempre a gente pode atender.» (Campos *apud* Costa, 2006: 16).⁷

No documentário *Os Nomes do Rosa*, Haroldo Campos (também referenciado por Ana Luiza Martins Costa) fala sobre a atitude de Guimarães Rosa em prol dos refugiados judeus:

⁷ Fato também descrito ficcionalmente em seu conto «A Velha».

[...] ele começou a dizer uma coisa que me espantou muito, porque as pessoas diziam que Rosa era conservador, um embaixador do Itamaraty... Ele começou a me falar do fascismo: ‘– Você não sabe, mas o fascismo é o Demo. Porque eu sei, eu estive lá e eu sei que é o Demo. Eu tive que lidar com alemães para proteger refugiados judeus... e não dou mais detalhes’. E eu fiquei espantado, porque não sabia daquela história toda, e depois eu vim a conhecer o fato real, de depoimentos, e, de fato, ele teve um papel de grande bravura pessoal e de grande bravura ética – eu acho que ele era cônsul do Brasil em Hamburgo –, dando respaldo a judeus que queriam fugir da Alemanha nazista. O que é muito bonito do ponto de vista ético e desmente aquela imagem de um Rosa ausente, protocolar, ligado mais àquelas pompas de embaixador. E, de fato, ele era um homem de grande vivência humana. (Campos *apud* Costa, 2006: 49).

Em «A imagem da Alemanha em Guimarães Rosa como retrato auto-irônico», Paulo Astor Soethe, conjecturando um *teor testemunhal* dos contos «O Mau humor de Wotan», «A Senhora dos Segredos» e a «A Velha» (como indica Jaime Ginzburg), sugere uma *culpa* de Rosa, dada a sua impossibilidade de atuar diretamente na emissão de vistos (cf. Soethe, 2005: 287-301). O artigo começa mostrando a germanofilia e o profundo conhecimento do alemão que Rosa possuía. Soethe apresenta exemplos de neologismos presentes em Rosa com base em palavras e estruturas dessa língua (cf. Soethe, 2005: 287-301). Inicialmente um admirador da cultura alemã, Rosa, de acordo com Georg Otte (2002), mostra um desencantamento progressivo em virtude da realidade política que encontrou na Alemanha durante sua estada (1938-1942). Segundo Soethe, esses contos do *Ave, palavra*, sugerem certa ironia e descaso com a cultura alemã devido a esse desencanto (cf. 2005: 287-301).

A argumentação de Soethe, entretanto, caminha para outra constatação. Partindo da hipótese de que a obra de Rosa tem um *teor testemunhal*, principalmente nos contos «O mau humor de Wotan», «A senhora dos Segredos» e a «A Velha», o autor sugere um vazio referencial na afirmação que Rosa fez a Lorenz («Eu, o homem do sertão, não posso presenciar injustiças»). Segundo Soethe, esses contos seriam uma referência autobiográfica e escreve: «em ambos [«A Velha» e «A Senhora dos Segredos»] o diplomata nega-se a prestar ajuda para a emigração de uma mulher alemã, apesar da situação ameaçadora em que ela se encontra» (Soethe, 2005: 296). Adiante, no seu artigo, o autor discorda de outras fontes:

Guimarães Rosa, que mereceu diversas vezes elogio e consideração por seu engajamento em favor dos judeus (cf. Araujo, 1987: 17; entre outros), parece desvelar

a ambivalência de suas atitudes com a máscara reveladora da ficção. A meu ver, pode-se entrever sob a dicção literária a confissão indireta das omissões cabíveis a um diplomata brasileiro na Alemanha. Amadurece assim a simpatia de Rosa pela cultura alemã, antes idealizada. Precisa abdicar da identificação ingênua com a terra de poetas e pensadores e, ao mesmo tempo, por via irônica, partilhar com ela a tarefa de luta e arrependimento diante dos crimes cometidos nos anos 30 e 40, não apenas sob o Estado nazista. (Soethe, 2005: 296-297).

Georg Otte, em «O ‘Diário de Guerra’ de Guimarães Rosa» encontra passagens que mostram o maniqueísmo vivenciado por Rosa em relação à cultura alemã:

Rosa não fecha os olhos ao nazismo e fica indignado diante da proibição que impede crianças judias o acesso a uma praia pública. O choque entre passado com conotações positivas e o presente que coincide com uma das fases mais nefastas da história alemã certamente constitui mais um fator para o já mencionado distanciamento de Rosa diante dos acontecimentos concretos. Cabe ressaltar que, em momento algum, Rosa manifesta qualquer simpatia, ou mesmo compreensão, pelo regime nazista, fato este que parece ser óbvio diante do notório humanismo do nosso autor, mas que não deixa de ser notável diante das simpatias que vários integrantes do Estado Novo cultivavam pelos países do eixo. (Otte, 2006: 35).

Jaime Ginzburg, em «Guimarães Rosa e o terror total», revisita o artigo de Soethe, esclarecendo alguns pontos. Sobre os contos, escreve:

Os contos permitem formular a hipótese de que Guimarães Rosa tenha, em sua trajetória como diplomata, enfrentado difíceis situações. A embaixada, como lugar de mediação entre Alemanha e Brasil, pode ser um espaço em que afloram tensões, conflitos ideológicos e problemas militares. Esse espaço deveria ser particularmente difícil se Rosa era contrário ao antissemitismo e, como sugere Soethe, preferia o pacifismo à violência nazista. Se encararmos os contos como dotados de teor testemunhal, então o foco de interesse da leitura não consiste na confirmação dos fatos biográficos como tais. Na combinação de elementos biográficos com elaboração ficcional, Rosa pode obter um alcance político e ético importante para sua produção. (Ginzburg, 2010: 23).

Assim, segundo Ginzburg, em seu texto ficcional, Rosa pôde mostrar a sua completa limitação para intervir e modificar tal situação.

Conjecturas e mistérios

A atitude do Brasil em relação à entrada dos judeus é controversa. O estudo de Jeffrey Lesser mostra que «a conjuntura das relações do Brasil com as potências aliadas de um lado e a gama de interesses econômicos advinda de dentro do país de outro foi o que possibilitou a reformulação da imagem do judeu e a consequente entrada de contingentes imigratórios, apesar das pressões ideológicas nacionalistas e nativista em contrário. Segundo o autor, a imagem negativa do judeu foi reprocessada a partir das necessidades da política externa brasileira que visava aproximar-se dos EUA e da Inglaterra» (Milgram, 2007: 382). Já Avraham Milgram considera que «a expressão ideológica nacionalista-antisemita do Estado Novo foi o fator determinante na obstrução da entrada de judeus ao Brasil e a responsável pelo seu balanço negativo» (Milgram, 2007: 382).

Jeffrey Lesser, em dois momentos, e com base nos documentos do Itamaraty, ressalva a participação de Rosa na emissão de vistos a imigrantes: «O cônsul brasileiro em Hamburgo, o poeta João Guimarães Rosa que foi preso pelos nazistas quando o Brasil entrou na guerra ao lado dos Aliados, havia ajudado vítimas judias do nazismo no passado e era conhecido por ultrapassar sua quota de emissão de vistos de imigrantes» (Lesser, 1994: 269). Dessa forma, Rosa procurava agir dentro da lei com o intuito de ajudar os judeus. Uma ressalva: Rosa foi retido (e não efetivamente preso) em Baden-Baden durante quatro meses, já que em 1942, «com a ruptura das relações diplomáticas entre o Brasil e os países do Eixo, o corpo diplomático e outros funcionários brasileiros latino-americanos são internados num hotel em Baden-Baden [...] permanecem confinados num hotel com suas famílias e sofrem racionamento de comida e a proibição de sair à rua» (Costa, 2006: 18).

No capítulo 5 do livro *A Questão Judaica*, é narrado um episódio envolvendo a concessão, ou não, de vistos a católicos não-arianos e as relações estabelecidas entre o governo de Getúlio Vargas e o Vaticano. O Vaticano queria salvar os de fé cristã, mesmo com ascendência judaica, já que esses, para os nazistas, eram judeus. Inúmeras negociações foram feitas, mas nenhum visto foi fornecido. Vargas queria se promover como humanista para ser visto com bons olhos pelos americanos, mas ao mesmo tempo não queria aceitar judeus no Brasil (dada a vigência da Lei 1.127). Já o Vaticano queria salvar aqueles que praticavam e seguiam a sua fé, mostrando assim sua «benevolência». Acerca do esquema Vaticano-Vargas, Rosa, de acordo com Lesser, diz que o «ignorava completamente»:

O cônsul declarou estar chocado com o fato de os refugiados estarem solicitando vistos e comentou que eles ‘dizem ter recebido autorização do governo brasileiro, em consideração especial ao Papa, para entrar em território nacional com vistos permanentes’. Guimarães Rosa era um diplomata extremamente preocupado e prestativo, mas, como praticamente todos os membros do regime Vargas, ele considerava os católicos não-arianos como racialmente e imutavelmente ‘semitas de religião católica’ ou ‘católicos judeus’. O que surpreendeu particularmente o cônsul era que, entre os que se candidatavam a vistos para católicos não-arianos, havia um número considerável de católicos alemães do alto clero que estavam fugindo dos nazistas. Guimarães Rosa não era tolo, mesmo quando demonstrava saber como se fingir de bobo. A despeito da alegação do diplomata, ele de fato sabia que haviam sido encaminhadas negociações para a concessão de três mil vistos para católicos não-arianos. Ao perguntar inocentemente a Aranha a respeito do plano, Guimarães Rosa anexou uma cópia de um telegrama do Cardeal Maglione para o Cardeal Faulhaber sobre os católicos não-arianos, que ‘veio parar em minhas mãos por acaso’. Fingindo supor, em benefício próprio, que Aranha também desconhecia o plano (e sabendo que o ministro havia deixado de informar a ele e a outros diplomatas a esse respeito), Guimarães Rosa propôs que o CIC (Conselho de Imigração e Colonização) lhe concedesse uma quota especial de mil vistos, para que ele tratasse das solicitações novas e inesperadas dos refugiados católicos. Aparentemente, esse pedido ficou sem resposta. (Lesser, 1995: 278-279).

Apesar das especulações, não há ainda nenhuma prova da participação ou não de Rosa nesta importante questão.

Considerações finais

Se carecem documentos e comprovações acerca da exata participação de Guimarães Rosa na redenção dos perseguidos do *Shoah*, o mesmo não ocorre em relação a Aristides de Sousa Mendes. O mais célebre «justo» português já teve sua trajetória retratada em diversas obras e, conforme mencionamos, é tema do recente filme *O Cônsul de Bordéus*. Como atesta a historiografia, Portugal fez parte de uma das principais rotas de fuga dos refugiados: «Lisboa tinha-se tornado o único porto do continente com ligações mais ou menos regulares para as Américas e para África [...] a capital portuguesa tornara-se assim a saída de emergência da Europa» (Afonso, 1995: 49). É neste contexto que emerge a figura de Sousa Mendes, cônsul-geral em Bordéus, responsável pela concessão de vistos de entrada e de trânsito a milhares de pessoas que tentavam escapar ao terror nazi.

Somam-se às comprovações acerca da postura de Aristides, que ousou desafiar o regime de Salazar para conceder mais de trinta mil vistos, as suas motivações, declaradamente, embasadas na fé cristã. Assim esclarece Maria Raquel Limão de Andrade:

Os valores da fraternidade, da compaixão, do amor ao próximo são, assim, as grandes motivações que determinaram a atitude do cônsul português, também ele chamado à participação e a um profundo entendimento espiritual com a humanidade. Aristides, que era leitor apaixonado do Antigo e do Novo Testamentos, que praticava as suas obrigações dominicais e vivia, no dia a dia, a prática do Evangelho, agiu de acordo com a Palavra de Jesus Cristo, segundo o Evangelho de Mateus, 25-31: «tive fome e destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber; era estrangeiro e vós acolhestes-me; nu e vestistes-me; enfermo e visitastes-me; estava no cárcere e fostes visitar-me.» (Andrade, 2007: 152).

A Literatura – eis o sacerdócio do cônsul-escritor. Razão maior de sua existência; elemento desencadeador de suas ações; verbo que religa a Deus; dogma supremo, que determina sua missão:

A língua dá ao escritor a possibilidade de servir a Deus corrigindo-o, de servir ao homem e de vencer o diabo, inimigo de Deus e do homem. A impiedade e desumanidade podem ser reconhecidas na língua. Quem se sente responsável pela palavra ajuda o homem a vencer o mal.

Queria libertar o homem desse peso, devolver-lhe a vida, em sua forma original. Legítima literatura deve ser vida. Não há nada mais terrível que uma literatura de papel, pois acredito que a literatura só pode nascer da vida, que ela tem de ser a voz daquilo que eu chamo «compromisso do coração». A literatura tem de ser vida! O escritor deve ser o que ele escreve. (Coutinho, 1983: 74).

«O escritor deve ser o que ele escreve». Na declaração de Rosa, um indício talvez? Afinal, não é a defesa da liberdade o eixo estruturante de sua obra-prima, *Grande Sertão: Veredas*? «E o que rogava eram coisas de salvação urgente, tão grande: eu queria poder sair depressa dali, para terras que não sei, aonde não houvesse sufocação em incerteza, terras que não fossem aqueles campos tristonhos» (Rosa, 1963: 371).

Em meio ao rosto combalido da Europa pós-guerra, certamente, há sinais e vincos abertos graças à atuação dos *Justos entre as Nações* de todos os países e, em especial como aqui descrito, dos brasileiros e portugueses.

Bibliografia

- AFONSO, Rui (1995), *Um Homem Bom, Aristides de Sousa Mendes, o «Wallenberg Português»*, Lisboa, Editorial Caminho.
- AGAMBEN, Giorgio (2008), *O que Resta de Auschwitz*, São Paulo, Boitempo Editorial.
- ANDRADE, Maria Raquel Limão de (2007), *Aristides de Sousa Mendes ou o Diplomata que se Fez Refugiado*, Porto, Universidade Portucalense Infante D. Henrique.
- ARAUJO, Heloísa Vilhena (2007), *Guimarães Rosa: Diplomata*, Brasília, Fundação Alexandre Gusmão.
- ARENDT, Hannah (1989), *Origens do Totalitarismo*, São Paulo, Companhia das Letras.
- ArqShoah. *Arquivo Virtual. Holocausto e Antissemitismo. O Brasil diante do Holocausto e dos refugiados do nazifascismo (1933-1960)*. URL: http://www.arqshoah.com.br/galeria_justos.aspx.
- CARDOSO, Ileuza Costa / SILVA, Marta Maria Amorim (2006), «A compaixão na história: atributo antropológico e ocultamento», *Práxis Educacional*, Salvador, vol. 2, p. 35-55.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.) (2007a), *O Anti-Semitismo nas Américas*, São Paulo, Edusp.
- (2007b), «Metáforas de uma civilização», in: C., M. L. T., *O Anti-Semitismo nas Américas*, São Paulo, Edusp.
- (2001), *O Anti-semitismo na Era Vargas*, São Paulo, Perspectiva.
- COSTA, Ana Luiza Martins (2006), «Veredas de Viator», *Cadernos de Literatura Brasileira* (Guimarães Rosa), n.º 20-21, Rio de Janeiro, Instituto Moreira Salles, p. 10-58.
- COUTINHO, Eduardo F. (ed.) (1983), *Guimarães Rosa*, Rio de Janeiro/Brasília, Civilização Brasileira/INL.
- CORNELSEN, Elcio / BURNS, Tom (2010), *Literatura e Guerra*, Belo Horizonte, Ed. UFMG.
- CRUZ, Natália dos Reis (2004), *O Integralismo e a Questão Racial. A Intolerância com Princípio*, Niterói, UFF.
- FORTUNA, Felipe (2002), «Guimarães Rosa, Viajante», in: SILVA, Alberto da Costa e (org.), *O Itamaraty na Cultura Brasileira*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, p. 359-382.
- JACOBSEN, Adriana / Vilela, Soraia (2006), «Outro sertão», *Cadernos de Literatura Brasileira* (Guimarães Rosa), n.º 20-21, Rio de Janeiro, Instituto Moreira Salles. (Encarte).

- GINZBURG, Jaime (2010a), «Notas sobre o “Diário de Guerra de João Guimarães Rosa”», *Aletria*, Belo Horizonte, vol. 20, Maio/Agosto, p. 95-107.
- (2010b), «Guimarães Rosa e o terror total», in: CORNELSEN, Elcio / Burns, Tom (orgs.), *Literatura e Guerra*, Belo Horizonte, Ed. UFMG, p. 17-27.
- GUIMARÃES, Vicente (2006), *Joãozinho: A Infância de João Guimarães Rosa*, São Paulo, Panda Books.
- MILGRAM, Avraham (2007), «O Itamaraty e os judeus», in: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.), *O Anti-Semitismo nas Américas*, São Paulo, Edusp, p. 379-410.
- LESSER, Jeffrey (1995), *O Brasil e a Questão Judaica*, Rio de Janeiro, Imago.
- (2007), «Semitismo em Negociação: O Brasil e a questão judaica (1930-1945)», in: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.), *O Anti-Semitismo nas Américas*, São Paulo, Edusp, p. 271-290.
- LORENZ, Günter (1983), «Diálogo com Guimarães Rosa», in: COUTINHO, Eduardo F. (org), *Guimarães Rosa*, Rio de Janeiro / Brasília, Civilização Brasileira / INL, p. 62-97.
- MARQUES, Reinaldo (2009), «Grafias de coisas, grafias de vida», in: MARQUES, Reinaldo / Souza, Eneida Maria, *Modernidades Alternativas na América Latina*, Belo Horizonte, Editora UFMG, p. 327-350.
- MIZRAHI, Rachel (2003), *Imigrantes Judeus do Oriente Médio*, São Paulo, Ateliê Editorial.
- OLIVEIRA, Luís Henriques (2009), «“O cônsul de Bordéus” roda em Viana do Castelo», *Jornal de Notícias*, 14-10. URL: http://www.jn.pt/PaginaInicial/Cultura/Interior.aspx?content_id=1389895&page=1 (acesso em 21/06/2012).
- OTTE, Georg (2002), «O “Diário Alemão” de João Guimarães Rosa – Relato de um projeto de pesquisa em andamento», in: DUARTE, Lélia Parrreira (org.), *Veredas de Rosa II*, Belo Horizonte, PUC Minas, p. 285-290.
- (2006), «Os diários de guerra de Guimarães Rosa», *Suplemento Literário*, Belo Horizonte, Maio, p. 34-36.
- RICUPERO, Rubens (2006), «Confluências», *Cadernos de Literatura Brasileira* (Guimarães Rosa), n.º 20-21, Rio de Janeiro, Instituto Moreira Salles, p. 66-75.
- ROSA, Aracy de Carvalho Guimarães (1968), «Entrevista», *Jornal da Tarde*, 13.02., <http://blogs.estadao.com.br/arquivo/files/2011/03/1968.02.13.jpg>
- ROSA, João Guimarães (1963), *Grande Sertão: Veredas*, Rio de Janeiro, José Olympio.
- (1978), *Ave, Palavra*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora.
- (1997), *Os Nomes do Rosa*, Documentário.

- (2006a), *Cadernos de Literatura Brasileira* (Guimarães Rosa), Rio de Janeiro, Instituto Moreira Salles.
- (2006b), *Estudos Avançados* 58, São Paulo, USP.
- ROSENFELD, Anatol (1967), «Introdução», in: ROSENFELD, Anatol (org.), *Entre Dois Mundos*, São Paulo, Editora Perspectiva, p. 5-28.
- SCLiar, Moacyr (2006), «Prefácio» in: GUIMARÃES, Vicente, *Joãozinho: A Infância de João Guimarães Rosa*, São Paulo, Panda Books, p. 5-7.
- SCHOLEM, Gershom (1994), *O Golem, Benjamin, Buber e outros Justos*, São Paulo, Perspectiva.
- SCHWARZ-Bart, André (1967), «A lenda dos justos», in: ROSENFELD, Anatol (org.), *Entre Dois Mundos*, São Paulo, Editora Perspectiva, p. 31-46.
- (2005), *O Local da Diferença: Ensaaios sobre Memória, Arte, Literatura e Tradução*, São Paulo, Editora 34.
- SILVA, Alberto da Costa e (org.) (2002), *O Itamaraty na Cultura Brasileira*, Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- SOETHE, Paulo Astor (2005), «A imagem da Alemanha em Guimarães Rosa como retrato auto-irônico», *Scripta*, Belo Horizonte, vol. 9, n.º 17, p. 287-301.
- TESS, Eduardo de Carvalho (2008), «Entrevista a Claudio Camargo e Hugo Stuard: Uma heroína quase esquecida», *IstoÉ*, 23.01., URL: http://www.istoe.com.br/assuntos/semana/detalhe/477_UMA+HEROINA+QUASE+ESQUECIDA?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage. Acesso em 13/06/2011.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo estudar os brasileiros e portugueses que receberam o título de *Justos entre as nações*, concedido pelo Museu Yad Vashem de Jerusalém. Aracy Guimarães Rosa e Luiz Martins de Souza Dantas, pelo lado brasileiro, e Aristides Souza Mendes, Carlos Sampayo Garrido, pelo lado português, arriscaram suas próprias vidas para salvar judeus perseguidos durante a Segunda Guerra Mundial. Além disso, este artigo pretende também investigar as fontes secundárias que incidem sobre a participação, ou não, do escritor brasileiro João Guimarães Rosa no salvamento de judeus durante essa mesma época. Na era pós-testemunho, onde a maioria dos sobreviventes e participantes da Segunda Guerra está desaparecendo, invocamos o verbo *zakhor*, *não se esquecer de lembrar*.

ABSTRACT: This article aims at studying Brazilian and Portuguese individuals who were awarded the title Righteous among the Nations, granted by the Holocaust Museum Yad Vashem, in Jerusalem. Aracy Guimarães Rosa and Luiz Martins de Souza Dantas on the Brazilian side; Souza Mendes and Carlos Sampayo Garrido on the Portuguese side risked their own lives in order to save persecuted Jews during World War II. Moreover, this article studies the secondary sources that investigate the participation or not by the Brazilian writer, João Guimarães Rosa, in the rescue of Jews at around this same period. In the post-testimony era, when the majority of the survivors and participants of WWII are passing away, we invoke the verb *Zakhor* – do not forget to remember.